

A NATAÇÃO NA GUERRA MODERNA

CARLOS DE CAMPOS SOBRINHO

(DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS)

Além de ser pacificamente aceita como um dos mais completos exercícios físicos e um dos mais educativos esportes, a natação sempre foi, para o homem, uma das habilidades mais úteis, pela sua múltipla aplicação prática.

Embora a mais antiga documentação gráfica da prática da natação por entes humanos data apenas de cerca de onze mil anos, pode-se deduzir, facilmente, que em quase todas as épocas o homem primitivo deve ter feito grande uso da natação, não só como meio de defesa contra seus inúmeros inimigos naturais, mas, principalmente, como um dos únicos recursos que permitiam, na época, a pesca; se é que podemos considerar como pesca, as verdadeiras caçadas aquáticas de então, em que os pelxes eram, quase sempre, apanhados a mão, como fazia Seth, filho de Adão, mergulhando para tapar com o corpo os ninhos dos peixes, que apanhava enfiando o braço nos vãos das "rocas".

A medida que se iam acumulando os conhecimentos e os recursos técnicos através dos anos, estruturando o que chamamos de civilização, até os nossos dias, era incoerente das maravilhas nucleares e das balizas morais, a natação foi sendo empregada com objetivos os mais diversos, porém, sua utilidade prática sempre persistiu.

Depois de usar a natação como meio de obter alimento e como meio de defesa as feras, o homem fez dela uso nas guerras para transportar cursos de água nos ataques ou nas retiradas; para manobras auxiliares da navegação, nos difíceis embarques e desembarques praticados nos primitivos e inseguros ancoradouros da antiguidade, construídos, também, com o auxílio da natação; para fins bélicos aquáticos, cortando amarras ou colocando mechas incendiárias, à noite, nos cascos dos navios inimigos e, finalmente, nos nossos dias, quando os progressos da tecnologia nos fornecem verdadeiros milagres de engenharia, volta, ou melhor, continua a natação a ser indispensável como arma auxiliar de guerra.

A natação, exercício agradável, saudável e altamente educativo como esporte quando praticado em ambiente sadio e com regras claras e rígidas, não pôde fugir aos paradoxos da nossa época e também foi usada para fins destrutivos.

Como a posição de indiferença é insustentável na época atual, desde que não podemos evitar as guerras, temos que nos preparar para elas, e assim, é interessante saber as estranhas e arrojadas proezas realizadas por combatentes aquáticos na última Grande Guerra.

Mas, ao falarmos do emprego da natação com fins destrutivos, cumpre lembrar também sua utilidade como meio de defesa nas próprias guerras.

Deixando a antiguidade, em que, como sabemos, inúmeras vidas se salvaram tanto nas guerras terrestres como nas navais, graças a natação, vejamos o que ocorreu somente na última conflagração.

Inicialmente deveremos registrar o fato lamentável de que nessa conflagração o número de brasileiros mortos, vítimas de afogamento, nos naufrágios por torpedeamentos, foi superior ao das perdas verificadas em toda a campanha terrestre, não obstante os numerosos e sangrentos combates travados! E o que mais nos entristece, é que a grande maioria dessas preciosas vidas perdidas no mar poderiam ter sido salvas, se esses nossos patriotas soubessem nadar.

Infelizmente, a percentagem dos que sabem se manter com desembarço sobre a água entre nós é reduzi-díssima. Mas, mesmo entre os americanos do norte, que é o povo mais dedicado aos esportes aquáticos as estatísticas mostraram que entre os recrutados para a última guerra, apenas quarenta por cento sabia nadar. Assim, muitos dos nossos aliados do norte também pereceram afogados, como se constatou na catástrofe de "Pearl Harbour", quando ficou provado que grande número dos que pereceram poderiam ter sido salvos, se tivessem apenas modestos conhecimentos de flutuação.

Os japoneses no início da última Grande Guerra se apossaram de algumas ilhas do Pacífico fazendo uso de batalhões de "metralhadores aquáticos", os quais, à noite, nadavam silenciosamente para as ilhas, levando

armamento que usavam de surpresa, quando já em posições protegidas em terra. Para esses empreendimentos dispunham eles de pelotões de homens especialmente preparados, constituindo o que alguns denominaram "Infantaria-anfíbia". Aliás, a natação já fazia parte do preparo militar dos "Samurais" em época muito remota. O emprego da natação como complemento do preparo militar entre os japoneses, data de tempos imemoriais e vários dos numerosos métodos de natação tradicionais desse povo, são tipicamente militares, como, por exemplo, o "Kobori Ryu", próprio para quem usa armaduras ou precisa ter as mãos livres para manejar armas. Esse método é ainda hoje usado e se presta ótimamente para quem precisa manejar armas de fogo.

Os soldados aquáticos japoneses da última guerra, portanto, não constituíam, propriamente, uma novidade. Eram apenas um prolongamento ou um aperfeiçoamento de uma prática tradicional, cujos primórdios alguns situam no tempo de Izamagi-no Mikoto, isto é, aproximadamente 1.360 anos antes de Cristo.

Um dos mais notáveis feitos dessas "infantarias-anfíbias" na última conflagração foi a inutilização de grande número de minas submarinas, praticada por um pelotão chefiado pelo ex-campeão olímpico de nado de peito, Reizo Koike, para facilitar, assim, o ataque das forças armadas japonesas contra o baluarte inglês de Hong-Kong.

Os norte-americanos também realizaram proezas extraordinárias com os seus "homens-rãs", que geralmente ocupavam pequenas e velocíssimas lanchas para serem transportados.

Os soldados mergulhadores, de um modo geral, eram equipados com as conhecidas nadadeiras ("Swim-fins") que entre nós vulgarmente são denominadas "pés de pato" e de máscara de borracha com visor de vidro. Pequenos aparelhos capazes de fornecer oxigênio eram por algumas vezes usados, permitindo, assim, uma longa permanência sob a água.

Os japoneses chegaram a estudar meticulosamente um tipo de alimentação líquida, especial para os seus "homens-rãs", a ser ministrada por meio de tubos, permitindo, assim, que esses homens permanecessem até 15 horas sob a água.

Os alemães também compreenderam a utilidade que poderiam ter nadadores especialmente preparados para fins bélicos, tendo organizado alguns pelotões deles. A existência desses soldados aquáticos alemães foi descoberta casualmente pelos ingleses, quando numa noite alguns deles desceram vários quilômetros pelo Rio Reno, conduzindo três grandes cargas flutuantes de explosivos, destinadas a destruir uma ponte. Devido a um pequeno erro, a forte correnteza

arrastou os explosivos para além da ponte, o que exigiu dos doze "nadadores de combate" um grande esforço para vencer a correnteza e colocar as bombas no lugar desejado. Esse grande esforço suplementar fez com que esses soldados alemães procurassem descansar nas margens, onde foram surpreendidos e aprisionados pelos ingleses. Usavam esses nadadores "maillots" especiais de borracha, "Swim-fins" e capacetes especiais com câmaras abastecedoras de oxigênio.

Os japoneses no final da guerra que sustentaram com os norte-americanos, temendo a invasão de seu território, prepararam "planos especiais de defesa de portos" que se baseavam principalmente nos três seguintes tipos de atividades aquáticas:

a) Batalhões de mergulhadores-suicidas que, devidamente equipados, deveriam submergir até cerca de 15 metros de profundidade, para então, montados em torpedos dirigíveis, procurar vasos inimigos e atirar-se contra eles, como fizeram muitas vezes os "camikases" com aviões;

b) grandes ninhos de metralhadoras, equipados com metralhadores, em instalações aquáticas cujas entradas de acesso eram submersas, tornando-as, assim, quase imperceptível ao inimigo;

c) instalações subaquáticas fixas, para lançamento de torpedos, construídas em cascos de navios especialmente afundados, as quais seriam também ocupadas por mergulhadores.

Para essas difíceis tarefas projetaram os japoneses, segundo dados colhidos, preparar 40.000 guerreiros aquáticos, mas essa cifra foi posteriormente reduzida para menos de 5.000.

Foram inumeráveis as tarefas executadas pelos "homens-rãs" de ambas as facções litigantes na última Grande Guerra, tanto para defesa como para ataque.

Assim, a natação, esporte altamente educativo, exercício essencialmente saudável e recreativo, além de ser, como sempre, um completo indispensável da educação geral, torna-se cada vez mais útil, também, como meio de defesa e de ataque nas terríveis mas infelizmente frequentes guerras modernas.